

BC revê crescimento

VICENTE NUNES
E RICARDO ALLAN
DA EQUIPE DO CORREIO

Ainda que involuntariamente, o Banco Central deu ontem forte munição para que a oposição aproveite os últimos dias da campanha eleitoral para disparar pesado contra o presidente Lula, candidato à reeleição. O BC se rendeu à realidade e reduziu as projeções de crescimento para a economia em 2006, apesar das promessas constantes de Lula e do ministro da Fazenda, Guido Mantega, de que o Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas pelo país, aumentaria pelo menos 4%. Refeitas as contas, o BC prevê, agora, incremento de apenas 3,5%, um número elevado se considerada a estimativa de cerca de cem analistas e consultores, de crescimento de 3,09%.

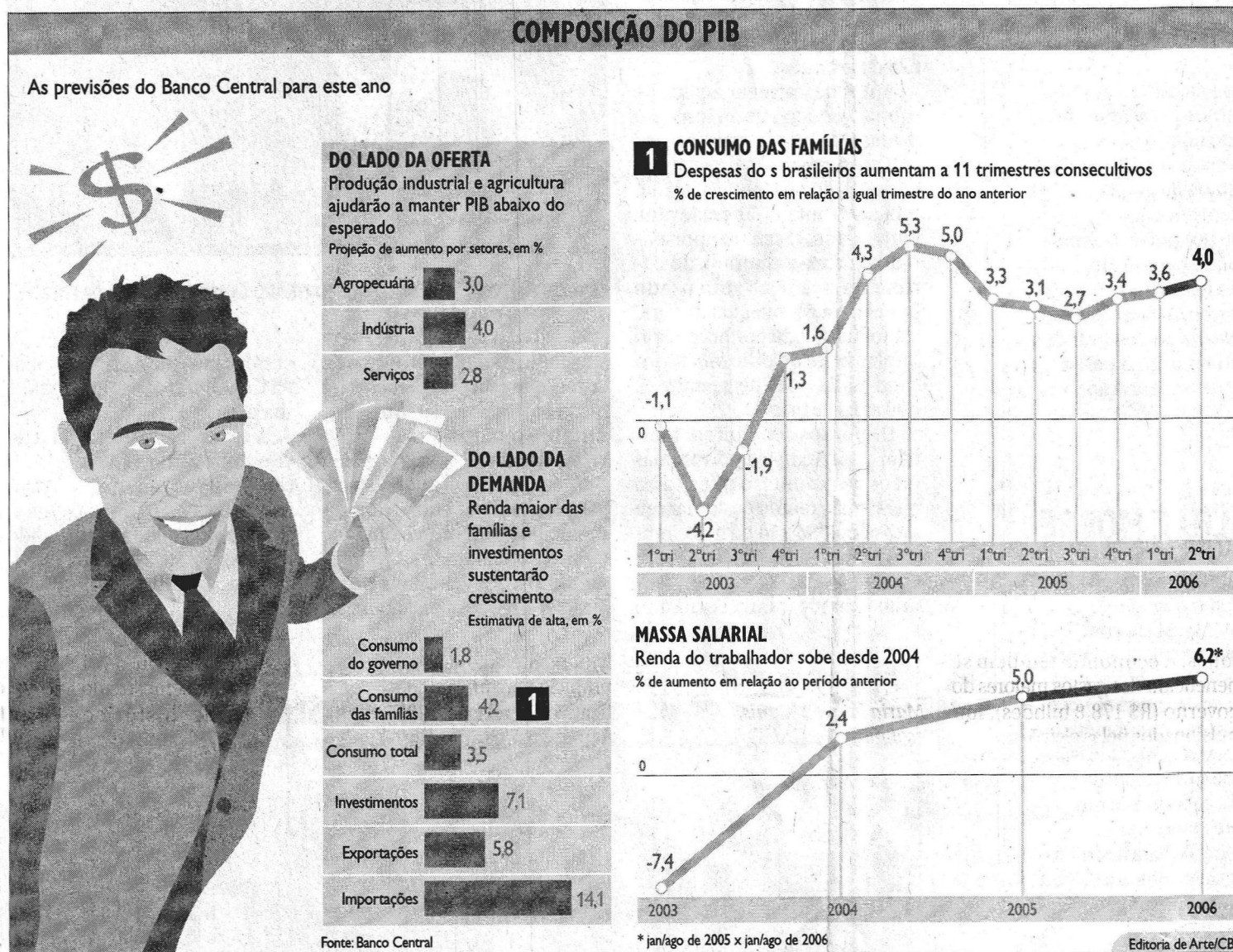
Indagado pelo *Correio* sobre o possível uso político dessa revisão para baixo do PIB, o diretor de Política Econômica do BC, Afonso Bevilaqua, foi taxativo: "O uso político de qualquer informação do BC foge da nossa alçada. Por origem, o Banco Central é uma instituição técnica, que usa da melhor forma possível os instrumentos que dispõe para fazer projeções". Ele disse também que repudia qualquer declaração de que o presidente Lula teria mentido à população ao prometer taxas maiores, o alardeado espetáculo do crescimento.

Ao explicar as razões que levaram o BC a diminuir sua estimativa para o desempenho da economia neste ano, Bevilaqua fez uma defesa veemente da instituição, sempre atacada quando os números do PIB não correspondem ao que todos esperam. Ele disse que a política de juros, que os críticos do banco consideram exagerada e usam para justificar o pífio crescimento da economia, trouxe ganhos importantes para o país, pois derrubou a inflação e permitiu o aumento da renda e a maior oferta de crédito, que levaram o consumo das famílias a aumentar por 11 trimestres consecutivos, o maior período de crescimento contínuo desde 1997. "Todos os indicadores mostram que a economia continua crescendo de forma sustentada", assinalou.

Na avaliação do diretor do BC, a revisão para baixo do PIB decorreu, principalmente, do fraco resultado da economia no segundo trimestre do ano, cujo aumento foi de apenas 0,5%. "Esse número ficou muito abaixo das nossas estimativas. E isso aconteceu por uma série de fatores: menor número de dias úteis, paralisações eventuais da produção por causa da Copa do Mundo e greve da Receita Federal, que atrapalhou o fluxo de comércio exterior", justificou. Bevilaqua destacou ainda que, na previsão de crescimento de 3,5% do PIB, também pesaram as novas estimativas de expansão da indústria (de 5,4% para 4%) e do setor agropecuário (de 3,6% para 3%).

Mantega mantém 4%

As novas projeções do BC deixaram Guido Mantega bastante contrariado. Tanto que ele convocou uma entrevista coletiva para comentar as informações divulgadas por Bevilaqua. Sem esconder as conhecidas rusgas com o



BC, o ministro atribuiu a postura do banco ao conservadorismo que sempre norteou a instituição. E manteve a sua estimativa de aumento de 4% para o PIB. "É natural que o BC seja um pouco mais conservador. Isso aparece em várias projeções que ele faz", disse.

Um tanto irônico, Mantega ressaltou ter visto até um ponto positivo na projeção do BC: se a economia está crescendo a um ritmo menor, há um espaço maior para que os juros continuem caindo. "Se as projeções estão corretas e estamos com a inflação abaixo da meta (de 4,5%), isso deixa espaço para novas reduções da taxa de juros", assinalou. E reafirmou: "Eu acredito no crescimento de 4%. Tivemos a divulgação de indicadores de investimentos (produtivos), o que me faz crer que a economia está acelerada neste segundo semestre". A taxa de investimento da economia brasileira atingiu, no primeiro semestre do ano, 20,1% do PIB, o maior patamar semestral desde 1995 (veja matéria na página 19). O ministro disse que não foi avisado antecipadamente pelo BC sobre a revisão do PIB.

Pouco antes da entrevista de Mantega, Afonso Bevilaqua tinha declarado que não havia nenhuma divergência entre o BC e a Fazenda em relação ao crescimento do PIB. Também recorrendo à ironia, ele afirmou: "O Banco Central baixou a sua projeção de aumento do PIB em 0,5 ponto percentual, de 4% para 3,5%. A Fazenda, foi na mesma direção, pois reduziu sua estimativa de 4,5% para 4%. Portanto, nada mudou na linha de pensamento entre o BC e ministro". Para Alexandre Póvoa, economista-chefe do Banco Modal, tanto o BC quanto a Fazenda estão superestimando as perspectivas de crescimento para a economia neste ano. "Tudo indica que o aumento do PIB será menor do que 3,5%", disse. "Mas o pior é que o mercado também já está revendo para baixo as projeções de 2007", concluiu.